

Inclusão de Alunos Surdos: Desafios e Possibilidades no Ensino de Química

Soraia Carvalho de Souza*¹(PQ), Ambrozina Laura de M. Amaro¹(FM), Luciano Lucena Trajano¹(PQ), Ilauro de Souza Lima¹(PQ), Marília Felix da Silva¹(IC) e Francisco F. Dantas Filho²(PQ)

¹Universidade Estadual da Paraíba – UEPB – Campus VII – Patos/PB

²Universidade Federal de Campina Grande – UFCG

*soraia.quim@hotmail.com

Palavras-Chave: inclusão, ensino de química, alunos surdos

Resumo: O referido trabalho tem por finalidade apresentar as dificuldades, superações e possibilidades enfrentadas por alunos surdos em relação ao Ensino de Química, entre a relação intérprete/professor, e ainda, a importância da inclusão social em escolas regulares na Paraíba/PB. Ao longo da pesquisa foi investigada a utilização de algumas abordagens pedagógicas que facilitam a aprendizagem dos alunos surdos. A pesquisa foi desenvolvida em 2010 na Escola Normal Dom Expedito Eduardo de Oliveira, e enriquecida em 2012 na Escola E.E.F.M. Engenheiro José D'Ávila Lins, ambas no Estado da Paraíba. Neste trabalho foi possível ver a importância de uma relação exemplar entre professor e alunos surdos, que facilita a aprendizagem entre todos a partir da inclusão. Além do mais é importante lembrar que o professor e o intérprete devem trabalhar em equipe, preocupando com as limitações de cada um e ajudando-os a suprir as dificuldades no ambiente educacional, principalmente na sala de aula em relação aos alunos ouvintes.

1. INTRODUÇÃO

Um dos assuntos mais discutidos entre pessoas da área da educação é a inclusão social nas Escolas. Mas, geralmente as pessoas não sabem o significado de inclusão social e o que ela pode oferecer. A inclusão social é o conjunto de meios e ações que combatem a exclusão aos benefícios da vida em sociedade, ela é causada principalmente pela existência de deficiências físicas ou mentais que gera os preconceitos das pessoas e discriminações, dificultando ou impedindo àqueles de obter oportunidades a acesso de bens e serviços, dentro de um sistema que beneficie a todos e não apenas aos mais favorecidos no sistema meritocrático em que vivemos.

Tendo em vista o significado de inclusão e o que ela oferece, nos tratamos de questões relativas aos desafios, superações e possibilidades enfrentadas no ensino de química por professores, intérpretes e alunos surdos em escolas regulares no Estado da Paraíba - PB.

Goldfeld (2001, p. 34) relata que:

[...] as crianças surdas geralmente não tem acesso a uma educação especializada e é comum encontrarmos em escolas públicas e até particulares, crianças surdas que está há anos frequentando estas escolas e não conseguem adquirir nem a modalidade oral e nem a modalidade escrita da língua portuguesa, pois o atendimento ainda é muito precário.

Com o início da educação inclusiva, percebemos alguns entraves em relação a este assunto. A maioria dos professores não sabem lidar com esses alunos, pois não se comunicam utilizando a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), que é a língua oficial deles. Nós, sobretudo ouvintes, temos facilidade em falar português, eles tem facilidade em se comunicar em LIBRAS. Sendo que muitas vezes os professores querem que eles entendam o que eles estão falando através da leitura labial, mas nem sempre eles sabem ler, pois é uma técnica trabalhada com eles quando pequenos, entretanto, com

o passar dos anos e com os avanços da LIBRAS eles acabam esquecendo algumas palavras e acabam retroagindo ao ponto de partida.

Citando Quadros (2002, p. 15):

A aquisição da linguagem nas crianças surdas deve acontecer através de uma língua visual espacial. No caso do Brasil, através da língua de sinais brasileira. Isso independe de propostas pedagógicas (desenvolvimento da cidadania, alfabetização, aquisição do português, aquisição dos conhecimentos, etc.), pois é algo que deve ser pressuposto. Diante do fato de crianças surdas virem para a escola sem uma língua adquirida, a escola precisa estar atenta a programas que garantam o acesso à língua de sinais brasileira mediante a interação social, cultural com pessoas surdas.

A proposta apresentada neste artigo busca avaliar quais as dificuldades e possibilidades enfrentadas pelos alunos em relação ao ensino de Química bem como a importância da inclusão social em sala de aulas.

1.1. Breve histórico da educação dos surdos no Brasil e a Libras

A primeira Escola fundada para os surdos no Brasil foi em 1857 e recebeu o nome de Instituto dos Surdos-Mudos, atualmente chamado de Instituto Nacional da Educação de Surdos (INES). Foi a partir da criação deste Instituto que surgiu da mistura da Língua de Sinais Francesa com a Língua de Sinais Brasileira antiga que já era usada pelos surdos das várias regiões do Brasil, a Língua Brasileira de Sinais.

Soares (1999, p. 15) relata que:

Apesar de formar novos educadores e espalhá-los pelo Brasil, a metodologia de ensino empregada pela INES primava pela aquisição da linguagem oral e leitura labial por parte dos alunos surdos e, que, somente depois eram introduzidos os conteúdos básicos do currículo escolar.

De acordo com Lacerda (1998, p. 34), “essa foi a realidade até meados dos anos 60, quando o avanço de pesquisas sobre línguas de sinais deu origem a novas propostas pedagógicas. A tendência que ganhou impulso nessa época foi chamada de comunicação total”.

Desta maneira, de acordo com Lacerda, a comunicação total pode utilizar tanto os sinais retirados da língua de sinais, quanto os sinais gramaticais modificados e marcadores para elementos presentes na língua falada. Assim, tudo o que é falado pode ser acompanhado por elementos visuais que o representam, o que facilitaria a aquisição da língua oral e, posteriormente, da leitura e da escrita.

Citando Quadros (1997, p. 16):

Pode-se afirmar que, com o passar do tempo, esse sistema demonstrou não ser eficiente para o ensino da Língua Portuguesa, pois estudos apontaram que as crianças surdas continuavam com defasagem tanto na leitura e na escrita, como nos conhecimentos dos conteúdos escolares.

De acordo com a autora, esses problemas criaram outra tendência, denominada bilinguismo, constituindo uma nova proposta educacional para os alunos surdos.

Quadros (2006, p. 52) cita que:

Ao optar por oferecer uma educação bilíngue, a escola está assumindo uma política lingüística em que duas línguas passarão a coexistir no espaço escolar. Neste caso, a Língua brasileira de Sinais (LIBRAS) é a língua da instituição e o Português é assinado como uma segunda língua.

Como se percebe nesse percurso educacional, constantes investigações foram feitas a respeito do processo de ensino-aprendizagem do aluno surdo no espaço escolar. Dessa forma, sob o enfoque de uma abordagem pedagógica bilíngue, podemos encontrar atualmente nas escolas essas duas tendências de escolarização.

1.2 As leis que apóiam a inclusão

Em 1988, a Constituição Federal no artigo 205 e as Diretrizes de Base da Educação Nacional, Lei nº 9394/96, estabelecem que a educação é direito de todos e que as pessoas com necessidades educacionais especiais devem ter atendimento educacional na rede regular de ensino, porém, ao tempo que ampara e dá possibilidade em escola comum, não define como sendo obrigatório. Por este motivo houve algumas discussões e protestos.

No artigo 206 da Constituição Federal afirma que:

O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber; pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino; gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais. (BRASIL, 1988, art. 206).

Estabelecendo como princípio a igualdade de condições de acesso e permanência a escola, no artigo 208 do inciso V, vem ampliar o artigo 206 afirmando que é dever do Estado com a educação a efetivação da acessibilidade mediante a garantia de acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um e no inciso III afirma ainda que o atendimento educacional especializado seja garantido a pessoas com deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino. Sendo assim, é obrigação do Estado manter os alunos com deficiência na escola regular dando os recursos necessários, tais como profissionais capacitados e outros recursos, pois a escola regular deve garantir um bom relacionamento entre os alunos com ou sem deficiência. A LDB (Lei de Diretrizes e Bases) nº 9394/96 em seu artigo 58 e 59 estabelecem que a substituição do ensino regular para o especial é possível.

Art. 58: Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para os educandos portadores de necessidades especiais.

Art. 59: Os sistemas de ensino assegurarão ao educando com necessidades especiais. (BRASIL, 1996, p.37).

Em 1994 foi assinado um documento chamado Declaração de Salamanca. É um documento em que delegados da conferência mundial de Educação especial, representando 88 governos e 25 organizações internacionais em assembléia em Salamanca, Espanha, de 7 a 10 de junho de 1994, reafirmaram o compromisso com a educação para todos e que visa informar sobre princípios, políticas e práticas da Educação Especial, constituindo um documento muito importante que garante direitos educacionais sem discriminação.

A Constituição Federal (artigo 205) afirma que a educação visa o pleno desenvolvimento do aluno, preparando-o para o exercício da cidadania e que qualquer restrição de acesso ao ambiente diversificado seria uma diferenciação ou preferência que limitará o direito a igualdade dessas pessoas.

Art. 205: A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1988, art. 205).

As escolas regulares devem proporcionar para os alunos surdos os serviços de intérprete de Libras e em outro espaço educacional, equipamentos estes que viabilizem o acesso à comunicação e a educação tendo como objetivo dar um suporte ao professor, dando-lhe oportunidade de conhecer melhor o aluno surdo.

São considerados alunos com necessidades educacionais especiais os que durante o processo educacional apresentem algum tipo de dificuldade de aprendizagem. Dentro da educação especial é necessário medidas complementar e

suplementar. Complementar é quando o aluno é direcionado para o atendimento educacional especializado (AEE) e suplementar é a educação especial para alunos superdotados.

O Decreto nº 6.571/08 que regulamenta o atendimento educacional especializado (AEE) serve com apoio pedagógico para criança com necessidades educacionais especiais. Para o aluno ter acesso a esse atendimento especializado deve estar matriculado em uma escola regular comum. O artigo 2 da resolução afirma que todos os alunos devem ser matriculados na rede de ensino e a Lei nº 7.853/89 especifica que o diretor ou professor que não aceitar a criança na escola será condenado de 2 a 4 anos de reclusão.

A Lei nº 10.436/02 afirma que a LIBRAS é reconhecida como meio legal de comunicação e cita outros recursos de expressão a ela associados. O sistema educacional deve garantir a inclusão nos cursos de formação de Educação Especial e de Magistério em seus níveis médios e superiores do ensino da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN's.

O artigo 3 da Lei nº 10.436/02 diz que as instituições públicas de assistência à saúde devem garantir atendimento e tratamento adequado aos portadores de deficiência auditiva, de acordo com as normas legais em vigor. A LIBRAS não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa.

1.3. Implicações na aprendizagem dos alunos surdos

Sabe-se que a aprendizagem de uma criança surda é mais lenta devido ao pouco estímulo recebido em relação às crianças ouvintes. É a partir deste contexto que surge a importância do professor mediador também chamado neste caso de intérprete de LIBRAS.

No que diz respeito ao ensino de química, a pessoa, sobretudo ouvinte, terá mais facilidade de aprendizagem, pois é principalmente a partir da audição que ela associa as informações que recebe do meio com o conteúdo da disciplina. Dessa forma, percebe-se que o aluno surdo fica em desvantagem em relação aos demais, mas o professor juntamente com o auxílio do intérprete que através de uma prática pedagógica diferenciada poderá ajudar de uma maneira mais objetiva a apropriação desses conceitos.

O intérprete, por sua vez, tem o objetivo de estabelecer uma interação entre alunos e professor, fazendo com que haja uma socialização entre surdos e ouvintes sem discriminação e respeitando as diferenças entre eles. Além do mais, para ser um bom intérprete imprescindível dominar a Língua de Sinais (LIBRAS) e também a língua materna, no caso do Brasil, o português. O mesmo é de fundamental importância para os surdos, pois é a partir deles que os estímulos dos surdos aumentam, tornando fácil a aprendizagem e melhorando a interação entre todos.

Segundo Miranda (1999, p. 131), “as dificuldades decorrentes da deficiência, enfrentadas pela criança no seu processo de desenvolvimento, são o primeiro estímulo para que ela supere”.

Estímulo este, que a família tem papel importante para sua superação, principalmente com o auxílio dos pais, fazendo com que eles não se sintam inferiores e mostrando aos mesmos que eles tem a mesma capacidade de fazer o que os demais ouvintes fazem.

A educação dos surdos tem se mostrado um assunto polêmico que requer cada

vez mais a atenção de estudiosos da educação. No entanto, as propostas educacionais desenvolvidas ultimamente não são muito satisfatórias, pois os surdos não sabem ler, nem escrever totalmente correto mostrando suas limitações, tendo em vista que sua língua materna é a LIBRAS.

A respeito do intérprete, Kozlowski, (1997, p. 01) admite que: “a leitura labial é um processo muito complexo”. Pois é a partir do processo visual que é possível entender o sentido da mensagem, onde o leitor labial obtém as informações através dos lábios e principalmente das expressões faciais do locutor.

1.4. A visão e a abordagem pedagógica

A partir de tudo que já foi exposto, é imprescindível dialogar sobre ensino de química para os alunos surdos abordando a questão pedagógica. No entanto, ensinar química sem auxílio de métodos dificulta a aprendizagem dos alunos, em especial, aos surdos, pois como eles não escutam, recorrer à visualização facilita muito a aprendizagem, principalmente se for material colorido.

Quanto à técnica de ensino abordada em sala de aula recorreremos a seguinte Tabela 1 sobre a relação oral e visual, segundo Ferreira, 1995.

Tabela 1: Dados retidos quanto ao método de ensino

Método de Ensino	Dados retidos depois de 3H	Dados retidos depois de 3 dias
Somente oral	70%	10%
Somente visual	72%	20%
Oral e visual simultaneamente	85%	65%

Segundo Ferreira (1995, p. 12), “a combinação do oral e visual permite uma alta retenção e, portanto, uma facilidade muito maior na aprendizagem”. Percebemos a grande importância de uma abordagem pedagógica com recursos que contém essas características acima, pois por mais que o professor não saiba LIBRAS os alunos irão entender o assunto através dessa combinação.

Existem diversos recursos que podem ser utilizados dessa maneira despertando o interesse do aluno e facilitando sua aprendizagem, principalmente em química que é uma ciência cujo aprendizado depende de métodos renovados. Métodos esses, que se o professor e o intérprete não souberem como trabalhar comprometerá a aprendizagem, pois eles requerem novos conhecimentos a cerca desses novos materiais.

Esses materiais podem ser confeccionados a partir de materiais recicláveis, como: garrafa pet, do papelão, isopor, cartolina, palitos de fósforo dentre outros. Também, existem materiais mais sofisticados que estão disponíveis nos laboratórios de química da própria escola ou através de recursos áudio-visuais como, TV, DVD's com legenda, pois é com a legenda que os alunos surdos vão lendo e assimilando a partir das imagens que estão passando, retroprojeter e Data Show.

2. METODOLOGIA APLICADA

A pesquisa foi desenvolvida em 2010 na Escola Normal Dom Expedito Eduardo de Oliveira, e enriquecida em 2012 na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Engenheiro José D'Ávila Lins, ambas no Estado da Paraíba/PB. Estas foram

escolhidas para a realização da pesquisa porque há inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais no ensino médio.

Ambas as escolas possuem vários recursos metodológicos, dentre eles TV's, DVDs, retroprojetor, Datashow, e, estes são utilizados tanto na sala de vídeo quanto na própria sala de aula para melhor desenvolvimento das aulas, é utilizado também materiais produzidos pelos alunos juntamente com o professor. Os materiais trazidos para sala de aula são papelão, isopor, cola, palitos que são utilizados principalmente na construção de fórmulas onde facilita melhor a aprendizagem dos alunos surdos, sem contar com o laboratório de química, que serve de apoio para aprendizagem destes alunos.

A cidade de Patos e João Pessoa são duas das cidades onde há inclusão de alunos surdos na Paraíba, pois existem outras cidades, dentre elas podemos citar: Cajazeiras, Campina Grande, Maturéia e Pombal. Percebemos que existe uma grande expansão na educação do nosso Estado quando vemos a inclusão de pessoas com necessidades educacionais especiais em escolas regulares, pois não é só aceitar estas pessoas, mas dá o suporte necessário para o desenvolvimento da aprendizagem desses alunos.

Para trabalhar com alunos surdos em escolas regulares deve-se recorrer a uma metodologia diferenciada. Como eles não escutam, a metodologia a ser trabalhada com estes alunos é a linguagem visual juntamente com o intérprete de LIBRAS. A linguagem visual caracteriza-se pela utilização de figuras, imagens, ilustrações, para facilitar tanto a explicação do professor quanto a aprendizagem dos alunos.

Uma dificuldade enfrentada pelo intérprete nas aulas de química é a falta de sinais adequados na hora das explicações. Para suprir esta barreira, o MEC aconselha que os surdos regularmente matriculados no ensino médio, busquem outros que já concluíram para reciclarem seus conteúdos em coletividade, apreendendo os sinais já consolidados desde o início dos estudos até os dias atuais.

Os sinais não podem ser criados pelo intérprete nem pelos surdos na sala de aula. O que é permitido em sala deve ser oriundo de um consenso entre intérprete e surdos, para que a intervenção do intérprete seja eficaz quando se necessitar de algum sinal para facilitar a aprendizagem. Assim, cada intérprete tem sua maneira de transmissão. O sinal criado em cada sala, não são sinais oficiais reconhecidos pelo MEC, por isso não podem ser utilizados nas outras salas ou até em conversas que envolvam algum assunto relativo a disciplina química.

Uma pessoa somente poderá ser intérprete de LIBRAS se for aprovada numa seleção, chamada de PROLIBRAS, onde a pessoa recebe o certificado de aptidão para ser intérprete. Nas instituições de ensino além do PROLIBRAS, também precisam participar dos planejamentos junto aos professores de todas as disciplinas para estarem preparadas para trabalharem em sala com os alunos surdos.

A amostragem para pesquisa foi feita a partir de dezenove questionários com perguntas objetivas e discursivas, aplicados com professores, intérpretes e alunos surdos da cidade de Patos e João Pessoa no Estado da Paraíba. Foram entrevistados três professores, três intérpretes de LIBRAS, e treze alunos surdos, visando diagnosticar as dificuldades enfrentadas pelos mesmos, como vem sendo trabalhado a linguagem em sala de aula, a relação entre intérprete e professor, e ainda, a importância da inclusão social de alunos surdos no ensino regular.

A metodologia aplicada foi de natureza qualitativa e quantitativa, e ainda, a pesquisa participante, onde consiste na participação ativa do pesquisador. Quanto a isso Lakatos e Marconi (1991, p. 20), definem:

A pesquisa participante como um tipo de pesquisa que não possui um

planejamento ou um projeto anterior à prática, sendo que o mesmo só será construído junto aos participantes (objetos de pesquisa). os quais auxiliarão na escolha das bases teóricas da pesquisa de seus objetivos e hipóteses e na elaboração do cronograma de atividades. Essa pesquisa tenta eliminar ou reduzir as limitações da pesquisa tradicional. Pode empregar métodos tradicionais na coleta de dados, mas enfatiza posturas qualitativas e a comunicação interpessoal.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Apresentação e análise do pensamento dos alunos surdos

Dificuldades enfrentadas pelos alunos surdos em aprender Química

Sabemos que a aprendizagem de química em relação aos alunos surdos é complicada, pois os professores não foram preparados para trabalharem com a inclusão. Em ambas as escolas, os alunos surdos no ensino médio, deram sua opinião em relação às dificuldades enfrentadas por eles.

Aluno A relatou: “Quando comecei a estudar no ensino médio, havia algumas dificuldades em relação ao professor, pois ele não sabia como explicar para que nós surdos entendêssemos, mas com o passar das aulas ele foi melhorando o desenvolvimento das suas aulas e facilitando nossa aprendizagem”. Já o aluno B acrescentou “que passou por algumas dificuldades, também em relação aos demais alunos quanto a socialização que após certo tempo tudo mudou, sou amigo dos demais alunos e aprendo química com facilidade, pois o professor buscou novas metodologias para o desenvolvimento de suas aulas, onde facilitou minha aprendizagem”.

As respostas nos mostram que no início da inclusão na escola Normal, os alunos sentiram dificuldades em relação à aprendizagem e também no que diz respeito à socialização com os demais alunos isso ocorreu principalmente pela falta de conhecimentos e a pouca interação com os surdos.

Capacidade de transmissão do conteúdo por parte do professor

Torna imprescindível dizer que todos nós temos a capacidade de trabalhar com pessoas surdas. Primeiramente precisa-se ter vontade, paciência e perseverança com eles, pois os mesmos tem capacidade de assimilar e aprender o que estamos falando ou explicando, voltando os ensinamentos para seu dia a dia.

Percebe-se que o professor entendeu que os alunos surdos tinham dificuldades em aprender de acordo como estava ensinando e foi mudando sua metodologia de ensino, compreendendo as dificuldades de cada um. Essas mudanças se deram a partir do convívio com os alunos e também com os planejamentos junto ao intérprete de LIBRAS, que é de fundamental importância na sala de aula para alunos surdos.

Procedimento utilizado pelo professor nas aulas de Química

Para trabalhar com alunos surdos em escolas regulares, é necessário adaptar-se a realidade da sala de aula, pois a mesma não é mais formada só com alunos ouvintes e sim pessoas com necessidades educacionais especiais. No entanto, também, o provimento de novas metodologias para ensinar numa sala de aula mista com alunos surdos e ouvintes.

Perguntou-se aos alunos surdos com era a maneira do professor de química

ensinar na sala de aula. Os dois alunos responderam que: “A metodologia aplicada inicialmente pelo professor de química em sala era totalmente diferente da metodologia atual, no entanto ele só falava, não utilizava nenhum mecanismo que facilitasse nossa aprendizagem, hoje ele utiliza vários métodos como DVD, TV, laboratório de química e materiais feitos por nós alunos juntamente com o auxílio do professor para que nós tenhamos um melhor aprendizado”.

Ao observarmos as respostas, vimos que essas mudanças só foram possíveis devido a preocupação do professor em relação à aprendizagem dos alunos surdos.

O intérprete desenvolve um importante papel em sala de aula, pois é a partir dele que existe a socialização e a intercomunicação entre todos. Com a socialização existente diminui a discriminação e o preconceito por parte das outras pessoas.

Quando perguntado sobre a ausência de um intérprete de LIBRAS, o aluno A respondeu: “Com relação à falta de intérprete em nossa sala não ficamos muito perdido em relação as explicações, pois sendo um caso a parte na Escola Normal, na sala em que estudo tem uma aluna que sabe LIBRAS e quando a intérprete falta ela a substitui, por isso não há perda de conhecimentos”. E o segundo aluno acrescenta que a substituta que além de ser nossa colega, também é amiga e nos ajuda na hora em que precisamos”.

As respostas evidenciam que as escolas são um caso a parte, pois quando a intérprete falta tem uma moça para ajudá-los, o que percebemos é a verdadeira inclusão por parte da Escola, pois nas demais é difícil encontrar até intérprete ou quaisquer outra pessoa disposta a colaborar com o aprendizado dessas pessoas com necessidades educacionais especiais.

Avaliação das aulas de química

Questionado sobre o aprendizado nas aulas de química, o aluno A falou: “A primeira impressão que tive quando comecei a estudar química, passei por algumas dificuldades, pois não compreendia os conteúdos, após algumas aulas fui compreendendo a partir de novas metodologias utilizadas pelo professor, desde então avalio as aulas de química como boas, pois o professor utiliza metodologias juntamente com as explicações para aprenderem com mais facilidades”. Já o aluno B também contribuiu com sua opinião: “Inicialmente senti dificuldades porque o professor não estava adaptado com alunos surdos, no entanto ele compreendeu nossas dificuldades e mudou suas metodologias, então eu avalio as aulas de química como sendo as melhores, pois o professor se preocupa com nossa aprendizagem”.

Observamos nas respostas dos alunos que o professor se preocupou não só em repassar conteúdos, mas interessam-se pelo aprendizado dos seus alunos, devido a esta preocupação, os alunos avaliam as aulas de química como boas, e além do mais, eles admiram a metodologia utilizada pelo professor.

A maioria dos alunos inclusos nas escolas são surdos, no entanto, já se observa nas respostas que o professor começou a mudar sua maneira de pensar e de agir, pois a cada dia, a cada aula foi mudando seus métodos, conhecendo a realidade de cada um e entendendo que mesmo com as limitações dos alunos surdos tem plena capacidade de aprender e desenvolver suas habilidades no decorrer das aulas.

Com isso, os alunos começaram a gostar das aulas e a participarem mais, tirando suas dúvidas e de forma geral, melhorando o relacionamento entre todos, pois a despeito da falta do intérprete, os próprios alunos poderão ajudar a tirar suas dúvidas, havendo uma aprendizagem de forma coletiva.

As respostas permitem evidenciar que os alunos se comunicam através da

LIBRAS com as outras pessoas através do intérprete e admitem que aprender Química se torna mais fácil do que aprender as disciplinas como português, história ou geografia.

3.2 Apresentação e análise do pensamento do professor de química

Primeira impressão ao ver a sala de aula com a inclusão de alunos surdos

O professor de química falou a respeito de sua impressão: “No início foi um pouco complicado, mas, com o passar do tempo fui tentando me adaptar as dificuldades e limitações buscando métodos que ajudem a suprir tanto as minhas limitações quanto a dos alunos em geral”.

Esta é a realidade vivida por uma boa parte dos professores, a dificuldade vem sempre primeiro, mas é preciso a coragem para mudar e conseguir fazer que os alunos, principalmente os surdos, gostassem de suas aulas. A partir da vontade e da coragem que o professor teve em modificar suas aulas com as novas metodologias, os alunos em geral foram beneficiados e conseguiram adquirir melhor conteúdo e a gostar mais das aulas de química.

Dificuldades enfrentadas pelo professor em lidar com alunos surdos

Sempre existirá dificuldades numa sala de aula que tem alunos com necessidades educacionais especiais, que está em função da relação entre professor e alunos, pois para os alunos aprenderem é necessário muita união e interatividade entre todos. As dificuldades partem na maioria das vezes do professor, quando os discriminam por não ouvirem e muitas vezes consideram que eles não são capazes de aprenderem. A respeito dessas dificuldades o professor responde: “Ainda tenho dificuldades, principalmente na linguagem de LIBRAS, por não ter cursos na área”.

Muitos professores tem a mesma dificuldade, pois quando fizeram o curso de graduação não existia disciplinas relacionadas a LIBRAS ou como trabalhar com os surdos em sala de aula. Essas dificuldades são supridas devido a presença do intérprete que facilita a aprendizagem dos alunos e mantém a comunicação entre o professor e os alunos.

Importância da inclusão de alunos surdos em escolas regulares

É de suma importância a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais em sala de aula, pois além de ser um desafio para todos, também é uma maneira desses alunos saberem que tem a capacidade de aprenderem juntamente com os outros alunos a partir de suas experiências vividas na sociedade.

Acerca disto o professor relata: “Acho muito importante, porém é também de extrema importância o acompanhamento de intérpretes permanentes na escola”. Em sua indagação, o professor preocupa-se com a presença permanente de intérprete na sala de aula para o aprendizado dos alunos surdos, mas também que haja acompanhamento destes profissionais com relação a assimilação do conteúdo.

A inclusão não é apenas aceitar as pessoas com necessidades especiais nas escolas, mas fornecer toda a assistência dentro e fora da sala de aula, juntamente com o intérprete de LIBRAS, para facilitar a comunicação entre todos da Instituição de

Ensino.

Conhecimentos adquiridos a partir dos alunos surdos

É inevitável adquirirmos conhecimentos com os surdos, pois a partir da convivência com eles iremos entendendo sua maneira de se comunicar, suas dificuldades enfrentadas no dia a dia e isso gera um meio de socialização e de aprendizagem entre todos. A respeito desse assunto o professor relata: “Sempre estou aprendendo com os surdos e principalmente a questão de se aceitar assim como somos e aceitar os outros como eles são”.

Esse é um assunto relevante, pois o respeito e a união são imprescindíveis para todos, sem a discriminação e o preconceito. Se as demais escolas trabalhassem pensando no avanço da inclusão, haveria uma melhoria na educação, com a união de todas as escolas.

Relação intérprete e professor

Para os surdos serem bem formados, há necessidade de uma boa relação entre professor e intérprete, com a união e interesse destes facilita e melhora a aprendizagem dos alunos com necessidades educacionais especiais e terão mais avanços em seus estudos. Com base nesse pensamento, o professor relatou: “É uma relação aberta, descontraída, de muito respeito e também de amizade”.

Papel do intérprete de LIBRAS em sala de aula

“São vários os papéis que o intérprete desenvolve em sala de aula. Um deles é facilitar a intercomunicação entre professor e alunos no decorrer das aulas, e o mais importante é transmitir os conteúdos para os surdos fazendo com que todos aprendam em igualdade e coletividade”, comentou um dos professores entrevistados.

A grande importância do intérprete em sala, é a socialização dos alunos com deficiências, fazendo com que eles aprendam a respeitar as limitações de cada um e além do mais aprender a se comunicar com os alunos surdos através da LIBRAS. Sem a presença do intérprete ficaria tudo mais difícil no desenvolvimento das aulas, digamos que ele seja o elo que liga o professor aos alunos de forma geral havendo uma verdadeira inclusão.

Avaliação das aulas de Química em relação aos surdos

“Avaliada como boa. Porque para facilitar a aprendizagem deles, o professor busca meios para o desenvolvimento das aulas”, relata o professor pesquisado.

Todos os professores da Escola Normal deveriam se espelhar no professor desta pesquisa, buscando novos meios para facilitar a aprendizagem dos alunos. Estamos falando em relação aos surdos, mas de forma geral todos os alunos aprendem mais rápido quando não estão só ouvindo, mas também vendo e praticando. Percebemos nesta resposta que o professor é sem dúvida um exemplo, que todos os outros busquem meios que facilitem a aprendizagem dos alunos. Este professor buscou e conseguiu fazer com que os alunos aprendam e gostem não só dele mas também da maneira que ele transmite o conteúdo.

De forma geral, as respostas mostram o avanço do ensino nos dias atuais com a inclusão de alunos surdos em escolas regulares e sem dúvida a adaptação dos

professores no que diz respeito ao ensino dos surdos. Quando houveram as primeiras inclusões destes alunos, estes tinham muitas dificuldades pois não havia intérpretes para facilitar a aprendizagem deles. Ao passar dos anos com o aumento do número de surdos inclusos, percebeu-se a necessidade de uma pessoa para ajudar na comunicação e no desenvolvimento da aprendizagem, foi assim que surgiu o intérprete na sala de aula.

Em relação aos questionários aplicados, percebemos que o professor, o intérprete e os alunos trabalham em união para que seja proveitoso o ensino de química. Os alunos surdos tem a capacidade de aprender e também de serem bons profissionais. E eles desejam serem professores de crianças surdas, alfabetizando e mostrando a realidade do dia a dia, dando forças para superar as dificuldades.

Sem o intérprete em sala de aula, dificultaria a aprendizagem dos alunos surdos, mesmo com a mudança na metodologia do professor, pois a química para os alunos surdos é uma disciplina complicada de se aprender. Uma das dificuldades de transmissão enfrentada pelo intérprete é a falta de sinais adequados para melhor desenvolvimento das aulas, mas com a experiência na área de química a intérprete buscou outros meios que facilitassem a aprendizagem. O que implica num ensino melhor quando o intérprete conhece a disciplina.

Com a inclusão de alunos com necessidades especiais em escolas regulares, percebemos uma melhora na educação do nosso Estado, pois estes passavam despercebidos pela sociedade, pois eram conhecidos na maioria das vezes como “doidos” que não eram capazes de aprender. A realidade agora é outra, pois eles são capazes de raciocinar e aprender não somente a disciplina de química, mas as demais como matemática, física, português, geografia e história, sempre levando em conta suas limitações.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou mostrar a inclusão de alunos surdos em Escolas regulares. As Escolas escolhidas foram a Escola Normal localizada em Patos/PB e a Escola E.E.F.M. Engenheiro José D'Ávila Lins, localizada na cidade de Bayeux/PB, em ambas há inclusão de alunos com deficiências auditivas.

Partindo do pressuposto que existe um diferencial linguístico entre os alunos surdos e ouvintes, a proposta de inclusão implantada pelas escolas idealizaram dois momentos didático pedagógicos diferentes: momento das aulas em turma mista com alunos surdos e ouvintes e o momento do atendimento educacional especializado para os alunos na sala de recursos multifuncional.

Assim, verificou-se que, além de reconhecer que os surdos tem necessidades linguísticas diferentes, e que, por essa razão, e que precisam ser atendidos em momentos separados dos ouvintes, o projeto de inclusão nos mostra que a convivência e a experiência de participar de grupos onde o desafio da Língua Portuguesa e da LIBRAS pode ser rica para os alunos surdos e para os demais participantes da comunidade escolar quando a inclusão social deles é um motivo nobre.

Finalmente, a Língua de Sinais tem aparato legal, a Lei n^o 10.436/02, com objetivo de fortalecer a prática bilíngue e oportunizar um fácil acesso aos alunos surdos. Neste trabalho foi possível ver a importância de uma relação exemplar entre professor e alunos surdos. Dessa forma, facilita a aprendizagem entre todos a partir da inclusão.

Para estes alunos vivenciarem avanço na aprendizagem, é importante lembrar que o professor e o intérprete devem trabalhar em equipe, preocupando com as limitações de cada um e ajudando-os a suprir as dificuldades no ambiente educacional,

principalmente na sala de aula em relação aos alunos ouvintes.

Com a discriminação e o preconceito suprido, a convivência em sala se tornará bem melhor, pois uns ajudam aos outros, mantendo a turma unida, respeitando as diferenças. Com isso, o avanço no ensino de química para os alunos surdos será de forma paulatina, mas consistente.

5. REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília / DF: Senado, 1988.

FERREIRA, Oscar Manuel de Castro; JÚNIR, Plínio Dias da Silva. **Recursos Audiovisuais para o Ensino**. São Paulo: EPU, 1995. 12 p.

GOLDFELD, Márcia. **A criança Surda: Linguagem e Cognição numa perspectiva sócio interacionista**. São Paulo: Plexus, 2001. 34 p.

KOSLOWSKI, Lorena. **O Modelo Bilíngue/Bicultural na Educação do Surdo** (online). Out. 2000. Disponível: [http:// www.mps.com.br](http://www.mps.com.br) (acessado em 15 de fevereiro 2011).

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1991.

MIRANDA, Theresinha Guimarães. **A integração de alunos especiais no ensino regular: Um desafio pedagógico**. Revista da FACED. Salvador: nº 3. p. 131-159.

QUADROS, Ronice Miller. **Situando as Diferenças Implicadas na Educação de Surdos: Inclusão/Exclusão**. In Ponto de Vista, UFSC. Nº4. 2002-2003. p. 15-16.

SOARES, M. A. L. Et al. **A educação do Surdo no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados; Bragança Paulista: EDUSF, 1999. 15 p.

6. Agradecimentos

Agradecemos aos alunos, professores, intérpretes e diretores da Escola Normal Dom Expedito Eduardo de Oliveira e da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Engenheiro José D'Ávila Lins, das cidades de Patos/PB e Bayeux/PB, respectivamente.